

# PROJETOS PARA O MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA E ÁREA ENVOLVENTE

João Mendes Ribeiro  
Rui Lobo  
(coord.)

Atelier de Projeto II-A  
Mestrado Integrado  
em Arquitetura

2019-20



DARQ DOCS eldarq

título

Projetos para o Mosteiro  
de Santa Cruz de Coimbra e Área Envolvente

coordenação

João Mendes Ribeiro  
Rui Lobo

unidade curricular

Atelier de Projeto II-A  
Mestrado Integrado em Arquitetura

ano letivo

2019-20

coleção

**DARQ DOCS**

edição

**eldlarq**

Editorial do Departamento de Arquitetura  
da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra

Colégio das Artes, Largo D. Dinis  
3000-143 Coimbra

t: +351 239 851 350

f: +351 239 829 220

e: edarq@uc.pt

w: www.uc.pt/fctuc/darq/editorial

design do modelo gráfico

Editorial do Departamento de Arquitetura  
da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra

composição da edição

Susana Lobo

Miguel Alberto

impressão e acabamento

Nozzle, Lda.

ISBN

978-989-53257-5-7

depósito legal

498461/22

Abril 2022



Esta publicação foi financiada por FEDER - Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do COMPETE 2020 - Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto SANTACRUZ com a referência POCI-01-0145-FEDER-030704 - PTDC/ART-DAQ/30704/2017



# PROJETOS PARA O MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA E ÁREA ENVOLVENTE

João Mendes Ribeiro

Rui Lobo

(coord.)

Atelier de Projeto II-A

Mestrado Integrado em Arquitetura

2019-20

## SUMÁRIO

- 7 **Introdução**  
Rui Lobo
- Textos**
- 13 **O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: uma história arquitetónica**  
Rui Lobo
- 23 **Mosteiro de Santa Cruz: património e musealização do espaço**  
Maria de Lurdes Craveiro
- 29 **Da clausura à centralidade: o processo de modernização de Coimbra a partir do antigo Mosteiro de Santa Cruz**  
Margarida Relvão Calmeiro
- 35 **Diálogos com a preexistência: leitura crítica de projetos de intervenção no património cultural edificado de Coimbra nas últimas décadas**  
Mariana Lunardi Vetrone
- 41 **Processo histórico da preservação de bens culturais: teorias de restauro desde o racional-funcionalismo à exaltação do valor artístico da obra**  
Fernanda Vierno de Moura
- 47 **Patologias pétreas nas fachadas de edifícios religiosos da Baixa de Coimbra**  
Pedro Manuel Tavares  
Sofia Salema
- 51 **Termas romanas de São Pedro do Sul: ligar fragmentos**  
João Mendes Ribeiro
- 55 **Conservação, restauro e valorização do Mosteiro de Santa Cruz**  
Desirée Pedro
- Propostas**
- 65 **Projeto de valorização, reabilitação e conservação do Mosteiro de Santa Cruz e área envolvente**  
João Mendes Ribeiro
- 72 **Grupo A**  
Duarte Sobral  
Rita Sousa  
Tatiana Carvalho
- 92 **Grupo B**  
Rafael Rebimbas  
Sofia Eghteda
- 112 **Grupo C**  
Júlia Vidotti  
Miguel Góis
- 132 **Grupo D**  
Carolina Magalhães  
Gabriela Rebelo
- 152 **Grupo E**  
Fábio Almeida  
Inês Correia  
Nadège Barros
- Exposição**
- 175 **Projetos para o Mosteiro + recriação 3D in situ da “Última Ceia” de Hodart**  
Rui Lobo  
João Mendes Ribeiro  
Mauro Costa Couceiro  
Susana Lobo

IFIS

**TEXTOS**

## **TERMAS ROMANAS DE SÃO PEDRO DO SUL: LIGAR FRAGMENTOS**

**João Mendes Ribeiro**

Universidade de Coimbra, DARQ

O espaço termal romano de São Pedro do Sul situa-se na margem do rio Vouga, a cerca de 500 metros da nascente de água termal. O edifício, de fundação romana (séc. I d.C), manteve até hoje grande parte da sua estrutura primitiva e encontra-se classificado, desde 1938, como Monumento Nacional. É composto por dois volumes contíguos de diferentes épocas, onde se encontram a piscina interior (e vestígios da piscina original) e a Capela de Nossa Senhora da Saúde e, no exterior, por uma piscina e um tanque de arrefecimento. A diversificada ocupação ao longo dos séculos, como balneário termal, escola, café e armazém de barcos, ficou marcada por indeléveis sinais, que não impediram, no entanto, a prevalência da estrutura romana inicial designadamente grande parte das paredes e o arranque das coberturas.

Através de uma contínua discussão multidisciplinar, entre a Arqueologia, a Arquitectura, a Arquitectura Paisagista e a Conservação e Restauro, procurou-se decifrar e esclarecer o edifício e a sua envolvente. As sondagens arqueológicas, coordenadas pela arqueóloga Helena Frade, revelaram-se fundamentais para identificar a linha temporal da primeira e segunda fase de construção do edifício romano e constituíram a base do programa de intervenção para a valorização do edifício, que foi lançado a concurso pelo IPPAR. A descoberta do vestígio da abóbada numa parede interior e a revelação do limite da piscina exterior sob o edifício existente foi fundamental para a configuração do desenho do projecto, em especial para o estudo e geometria das novas abóbada, cobertura e fachadas.

O projecto de valorização, reabilitação e conservação teve como base a recuperação do edifício em ruínas e a intervenção mínima necessária para a sua utilização e correcta percepção, mantendo a integridade do conjunto, na sua coerência formal, compositiva e construtiva. A recuperação das características mais marcantes do ambiente do período romano foi trabalhada a partir dos temas da escala, da luz e da presença da água.

A intervenção envolveu trabalhos de conservação, que incluíram o restauro de todas as fachadas e pavimentos em pedra das piscinas romanas e respectivos circuitos de água (caleiras, ranhuras, esgotos). A nova intervenção incluiu trabalhos nas novas fachadas, cobertura, pavimentos, caixilhos, soluções térmicas e melhoria de acessos e funcionamento do edifício. Os materiais escolhidos e instalados procuraram ser coerentes com os existentes – madeira de riga velha, pedra de granito, tijolo manual e latão.



Figura 1 - Piscina interior e vista do varandim manuelino. ©José Campos

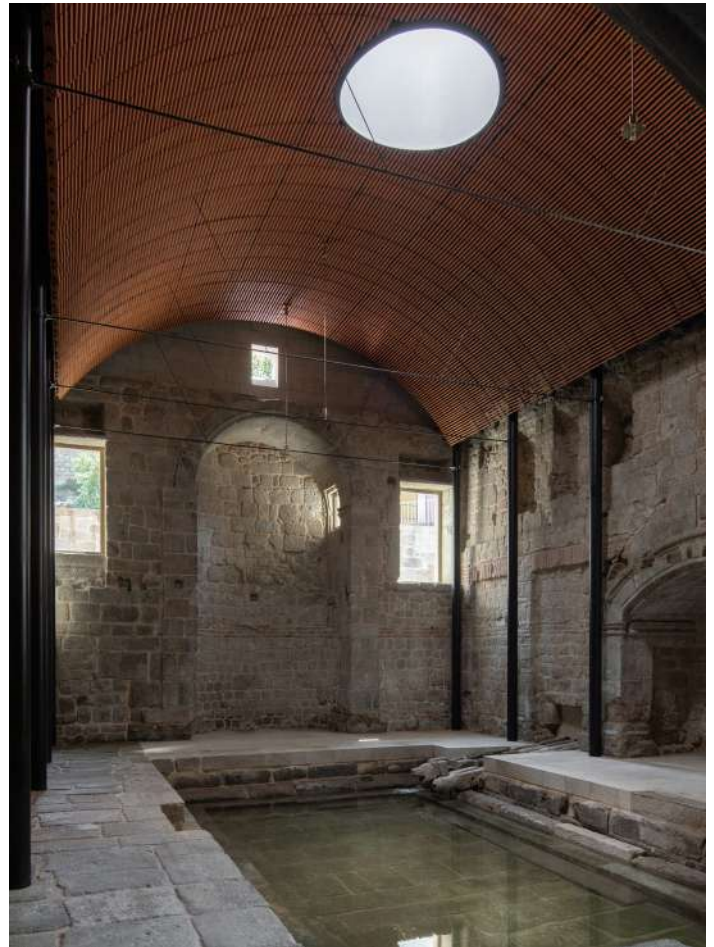


Figura 2 - Piscina interior, vista da abside sul e vestígios do arranque da abóbada na parede poente. ©José Campos

No edifício de origem romana, a poente, optou-se por manter a aparência de ruína, trabalhada como vestígio arqueológico e como matéria expositiva. A sugestão da forma e escala do espaço romano foi dada pela reposição da altura original do edifício, bem como pela construção de uma abóbada em tijolo, que segue a configuração da abóbada romana original, marcada na parede de topo. A nova abóbada, suportada por pilares metálicos que seguem o ritmo das pilastras existentes, destaca-se das paredes e é constituída por arcos metálicos suspensos do tecto e réguas esbeltas de tijolo maciço artesanal (Fig. 1). O tijolo é um material já presente na construção romana e que, na nova abóbada, é colocado verticalmente, criando um efeito de profundidade e permeabilidade. O ambiente luminoso das termas romanas foi alcançado com a introdução de luz zenital, através de um lanternim sobre a piscina interior (Fig. 2).

No volume a nascente, parcialmente destruído pelas cheias do Rio Vouga (1995), recuperaram-se as dimensões originais, os sistemas construtivos e os materiais tradicionais (Fig. 3). Recuperou-se ainda a geometria da fachada, nomeadamente

a métrica de cheios e vazios, bem como os alinhamentos horizontais dos vãos, cornija e soco. As novas fachadas foram recuadas em relação às existentes para se demarcarem, assinalando que o “novo” recua para dar lugar ao “antigo”. De igual modo, para enfatizar as qualidades plásticas da ruína e acentuar a leitura dos vãos como “buracos”, as caixilharias foram dissimuladas e utilizado um perfil esbelto, oculto pelo exterior. Também o novo vão de entrada, localizado no cunhal refeito, foi desenhado com uma escala diferente dos restantes, para acentuar a nova intervenção. Trata-se de uma porta de madeira, fixa a elementos de pedra salientes da fachada, na qual se inscreve uma pequena porta de homem.

No exterior, o tanque de água fria e a piscina *natatio* foram recuperados e a *natatio* revestida com *opus signinum*, à semelhança do período romano. A reconstrução do corpo nascente do edifício foi feita de forma a não tocar no limite original da *natatio*, trabalhando em balanço e criando um desnível no interior da recepção.





Figura 3 - Alçado nascente (Hospital Real e Capela de Nossa Senhora da Saúde) e piscina exterior romana (*natatio*). ©José Campos

As sondagens arqueológicas revelaram evidências de um peristilo que circundava a *natatio*, o que originou o desenvolvimento de um projecto de montagem das colunas, desenvolvido por João Gomes da Silva. O projecto baseou-se num inventário de todos os elementos existentes, fragmentados e dispersos pelo terreno, que foram reutilizados para recriar a verticalidade e a escala do espaço, segundo a concepção romana. Utilizando a técnica de anastilose, acrescentaram-se novos materiais, perfeitamente identificáveis e destacados dos originais, que permitiram colmatar lacunas e recriar a geometria e a proporção das colunas romanas. Foi também aplicada a êntase para correcção da ilusão óptica provocada nas colunas, seguindo em rigor o cânone da arquitectura clássica, conforme descrito por Giacomo Vignola. Complementarmente ao peristilo, foi acrescentado um muro que acentua a entrada no peristilo.

A importância da água no edifício termal foi resgatada, voltando a ser o elemento central do espaço, recriando a atmosfera termal romana, imprescindível para a

compreensão e leitura do espaço. O sistema de captação e condução da água foi recuperado, permitindo que exista um circuito hidráulico por todo o edifício, complementado pelo reuso do tanque exterior de água fria e da piscina *natatio*. A água adquiriu assim uma conotação lúdica, cruzando-se com a história do edifício pré-existente, numa nova leitura baseada em relações visuais e auditivas, indiciando percursos ou antevendo espaços.

Em todos os projectos de reabilitação o palimpsesto histórico estabelece as diretrizes do próprio projecto. O projecto procura um equilíbrio, a fim de se tornar uma extensão do antigo - mais uma camada (contemporânea) do palimpsesto, que dá continuidade à sua história, sem, no entanto, privar-se de um valor poético próprio. O projecto de requalificação deve ser um desenho de síntese, permitindo ler com clareza tanto o edifício pré-existente como as novas intervenções, impedindo que qualquer um dos dois destrua ou anule o outro, num equilíbrio entre passado e presente. Este delicado equilíbrio dos tempos constitui a matéria fundamental nos projectos de reabilitação, demonstrando

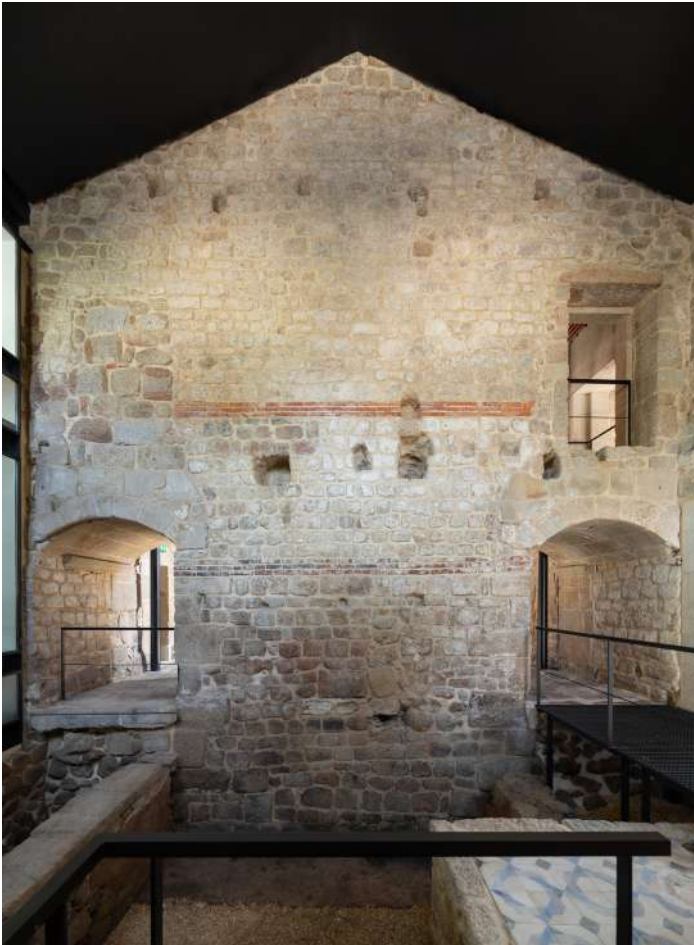


Figura 4 - Vestígios da piscina interior do 1.º período romano e da abóbada de 2.º período romano. ©José Campos

que é possível construir arquitectura contemporânea sem negar a história, a cultura dos lugares e o conhecimento construtivo que se sedimenta ao longo dos anos.

Nas Termas de São Pedro do Sul, o projecto torna em evidência a complexidade dos lugares, através de intervenções mínimas, de natureza discreta e respeitosa. A nova intervenção procura agir em consonância com a pré-existência, mas sem abandonar a qualidade de uma intervenção de carácter contemporâneo, além de promover uma releitura das estratificações de diferentes tempos, presentes na obra (Fig. 4).

A partir do trabalho dos arqueólogos e de uma profunda e cuidadosa releitura do lugar, mergulhamos na história do lugar, integrando-o no projecto. Não se procura reduzir as contradições e complexidade dos espaços antigos. O projecto revela fragmentos de uma época passada e compõe com eles a continuidade da história do lugar, através de uma referência constante ao seu passado, moldando o seu futuro.